
Perspectivas interseccionais da violência contra jornalistas mulheres palestinas a partir do assassinato de Shireen Abu Akleh¹

Vitória Paschoal Baldin²
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

A violência contra jornalistas é um fenômeno global, com profundos impactos nas possibilidades de liberdade de expressão. Em panoramas de conflitos a censura e a perseguição a comunicadores tendem a se aprofundar. Em maio de 2022, a jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh, correspondente da Al-Jazeera, foi assassinada durante a cobertura de confrontos travados no Campo de Refugiados de Jenin, nos Territórios Palestinos Ocupados, demonstrando a vulnerabilidade ao qual os jornalistas são submetidos nesse contexto. Portanto, o presente trabalho analisa como a violência afeta especificamente as jornalistas palestinas, considerando a interação de diferentes marcadores de identidade associados ao cenário do conflito palestino-israelense, partindo da centralidade da morte de Shireen Abu Akleh. Ao abordar tal assassinato, a pesquisa examina as ligações entre liberdade de expressão, direitos humanos e identidade, destacando como as jornalistas palestinas enfrentam desafios específicos e violências relacionadas à sua identidade.

Palavras-chave

Liberdade de expressão; Violência contra mulheres jornalistas; Interseccionalidade; Conflito palestino-israelense;

Introdução

O Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) garante o direito à liberdade de expressão, impedindo que governos exerçam restrições de natureza censória. Entretanto, sistemas de controle, ainda na atualidade, estão sufocando a liberdade de imprensa, implicando em formas cada vez mais diversificadas de violência contra jornalistas (SIMON, 2014; COSTA, 2016). No Brasil, em vista da extinção das formas tradicionais de censura estatal (RISSO; RAMOS, 2022), novos mecanismos de controle emergiram no cenário nacional (COSTA, 2016). Já na Palestina, agressões, prisões, restrições de movimento ainda são táticas usuais para repressão dos profissionais de mídia (MADA, 2022).

Em maio de 2022, a jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh, correspondente da Al-Jazeera, foi assassinada durante a cobertura de confrontos

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Mestranda em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Orientada pela Prof. Dra. Daniela Osvald Ramos. Integrante dos grupos COM+ e OBCOM, ambos ligados à Universidade de São Paulo.

travados no Campo de Refugiados de Jenin, nos Territórios Palestinos Ocupados, demonstrando a vulnerabilidade ao qual os jornalistas são submetidos nesse panorama. No caso específico de Shireen e outros profissionais de imprensa agredidos no período (REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, 2023), apesar da sua identificação clara, com coletes de imprensa, as forças militares israelenses dispararam balas reais contra eles.

O presente trabalho parte do estudo de caso do assassinato de Shireen Abu Akleh para examinar as ligações entre liberdade de expressão, direitos humanos e identidade, destacando como as jornalistas palestinas enfrentam desafios específicos e violências relacionadas à sua identidade. A partir de uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 1990), propomos um exame das relações entre o caso e os desafios de liberdade de imprensa e de construção da livre expressão na Palestina, destacando as correlações entre a ocupação, perseguição de comunicadores e a violência contra mulheres.

Para tanto, o trabalho está organizado em três seções. Inicialmente, nos debruçamos sobre o enquadramento interseccional proposto, elaborando a abordagem teórica deste estudo. Na sequência, abordaremos as correlações entre a ocupação israelense e as dificuldades relativas à liberdade de expressão nos Territórios Palestinos. Finalmente, partindo da exploração do caso de Shireen Abu Akleh, foram mobilizadas matérias jornalísticas e reportagens relacionadas. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais concreta e atualizada dos eventos e das narrativas em torno do caso.

Violência Interseccional: mulher, palestina e jornalista

A intersecção entre gênero, etnia, identidade, ocupação e profissão são fatores-chave para pensar como a violência atravessa e atinge os corpos das mulheres jornalistas palestinas. A abordagem interseccional proposta (CRENSHAW, 1990) concebe os marcadores de identidade social como interdependentes e mutuamente constitutivos, capturando as múltiplas formas pelas quais os grupos são marginalizados (DY; MARLOW; MARTIN, 2017). Como palestinas, elas enfrentam a opressão sistêmica da ocupação e militarização israelenses, ao mesmo tempo, em que sofrem discriminação e marginalização como mulheres, incluindo agressão física, assédio, censura e ataques direcionados.

Conforme o conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw³, essas jornalistas palestinas estão sujeitas a violências múltiplas, sujeitas a uma tripla camada de discriminação devido ao gênero, à identidade palestina e ao enquadramento profissional. A interseccionalidade reconhece que pessoas com diferentes categorias de identidade podem encontrar formas distintas de discriminação e marginalização devido a fatores interligados, como raça, gênero, identidade sexual, classe social e muito mais. Ao reconhecer a interseccionalidade como uma lente analítica para examinar várias identidades sociodemográficas juntas, obtemos uma compreensão mais profunda de como sistemas sobrepostos podem contribuir para diversas experiências em comunidades marginalizadas.

Consideramos que o posicionamento de Abu Akleh como mulher jornalista palestino-americana é potencialmente relevante para investigar como os diferentes marcadores de identidade atravessam o significado socio-político de seu assassinato, demonstrando como as diferentes violências atravessam esses corpos. Assim, esse assassinato é um exemplo alarmante da violência contra jornalistas, demandando abordagens interseccionais (CRENSHAW, 1990) para pensar como seu posicionamento enquadra cenários mais amplos de agressão.

Destacamos, portanto, que o assassinato de Shireen Abu Akleh está associado a dinâmicas sistêmicas relacionadas ao poder, desigualdade e identidade que surgem à medida que diferentes marcadores interagem em esferas de influência individuais, culturais, sociais. Examinamos, assim, as relações entre o caso e os desafios de liberdade de imprensa e de construção da livre expressão na Palestina, destacando as correlações entre a ocupação, perseguição de comunicadores e a violência contra mulheres. O artigo parte do estudo de caso do assassinato de Shireen Abu Akleh em maio de 2022 – bem como a repercussão e investigações posteriores.

O objetivo é compreender as violências associadas com as práticas comunicacionais nos Territórios Palestinos Ocupados, refletindo sobre como o assassinato de Shireen Abu Akleh é um exemplo significativo dos desafios de liberdade de expressão na região. Em especial, partimos do enquadramento interseccional para

³ Essencial ressaltar que apesar de utilizarmos neste trabalho a proposta de Kimberlé Crenshaw sobre a interseccionalidade a partir de suas reflexões em direito e teoria crítica da raça, associada com as contribuições de Patricia Hill Collins em sociologia, diversas outras pesquisadoras feministas anteriores foram essenciais para os estudos interseccionais, usando o termo “interseção” para teorizar raça, classe e dinâmica de gênero (para uma visão, ver Nash e Pinto, 2023.)

argumentar como a violência decorrente do conflito é particularmente significativa no cerceamento da expressão de mulheres palestinas, postulando-as como, em simultâneo, alvos do conservadorismo palestino e da perseguição israelense (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020).

Rought-Brooks, Duaibis e Hussein (2010) já destacaram as interações complexas entre a ocupação israelense e o patriarcado na sociedade palestina, analisando as consequências para as mulheres palestinas. Os dados levantados pelas autoras revelam altos índices de violência contra mulheres palestinas, seja dentro do contexto doméstico ou como resultado da ocupação. As leis discriminatórias, a falta de políticas institucionalizadas de punição e prevenção e as barreiras para buscar proteção e justiça aprofundam esse cenário. No entanto, a ocupação e a instabilidade política dificultam a priorização dos direitos das mulheres.

Holt (2003) sustenta que o uso sistemático e prolongado da violência tem impacto profundamente negativo para as mulheres palestinas, prejudicando sua capacidade de imaginação de futuros políticos emancipadores. O estudo abarca tanto a violência perpetrada pela ocupação israelense quanto aquela experimentada pelas mulheres dentro de sua própria comunidade, destacando as múltiplas manifestações de violência. Nashashibi (2006), de modo semelhante, explora a violência contra as mulheres palestinas sob a ocupação israelense, em que o estupro é usado como uma ferramenta de controle, humilhação e desumanização das mulheres palestinas, afetando seu senso de identidade, dignidade e segurança.

Além disso, a violência – e a ameaça, de forma mais geral – contra mulheres palestinas foi amplamente empregada pelas Forças de Defesa de Israel⁴ com objetivo de dissuadir a participação política, tanto dessas cidadãs como de seus familiares homens (WADI, 2012). Zingrebe (2016) aborda a complexidade das experiências de violência sexual enfrentadas pelas mulheres palestinas em Israel, ressaltando a importância de uma abordagem interseccional para compreender as razões por trás do silêncio que muitas vezes envolve essas experiências. A autora destaca que a interseção das opressões coloniais e patriarcais cria um contexto único para as mulheres palestinas.

⁴As Forças de Defesa de Israel (IDF, em inglês, ou Tzahal (צה"ל), em hebraico) são as forças armadas do país, compostas pelas forças terrestres, Marinha e Força Aérea. A nomeação das forças armadas como aparato de *defesa* também faz parte do modelo de propaganda do projeto nacional israelense e de sua atuação em termos de *proteção*, e não *agressão*.

A possibilidade de prisão – ligada a termos vagos, mas profundamente utilizados por Israel (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020) – também é constantemente associada com ameaças mais amplas de violência sexual para mulheres, tendo em vista sua utilização nos centros de detenção israelenses. Como Francis (2017) demonstrou a tortura e a degradação de mulheres prisioneiras palestinas também envolve assédio e violência sexual. As autoridades israelenses se utilizam da violência sexual para enfraquecer a determinação militante e causar feridas emocionais duradouras, resultando em estigma social e conflitos familiares. Os interrogadores do Serviço Penitenciário de Israel (IPS) utilizam a violência sexual especialmente para quebrar a resistência das mulheres, forçá-las a se tornarem informantes ou a confessarem.

Assim, a compreensão das violências múltiplas que afetam as mulheres palestinas requer uma análise sensível e abrangente dos fatores interligados que compõem suas experiências. As dinâmicas sistêmicas relacionadas ao poder, desigualdade e identidade operam em sistemas sobrepostos, atravessados por diferentes marcadores de identidade que conferem significado sociopolítico complexo. A violência resultante do conflito, imposta por forças do conservadorismo palestino e perseguição israelense, tem um impacto profundo na capacidade das mulheres palestinas de se expressarem plenamente. A multiplicidade de manifestações de violência, incluindo o uso do estupro como instrumento de controle e desumanização, abala a identidade, dignidade e segurança das mulheres palestinas, refletindo a interseção das estruturas patriarcais com a natureza interseccional da opressão. Nesse contexto, a criação de espaços seguros para a expressão e atuação plena dessas mulheres permanece um desafio complexo e urgente.

Violência contra jornalistas: perspectivas da experiência palestina

A violência contra jornalistas é um fenômeno global, com profundos impactos nas possibilidades de liberdade de expressão. Em panoramas de conflitos, como diversas pesquisas explicitaram, a censura e a perseguição a comunicadores tendem a se aprofundar (WOLFSFELD, 1997; LARSEN; FADNES; ROVEL, 2021). A frequência de ataques contra jornalistas mulheres, em decorrência de seu posicionamento como mulheres, particularmente em regiões conflituosas, impeliu a Federação Internacional

de Jornalistas a produzir orientações para mulheres sobre como se proteger⁵. Esse elemento evidencia como a violência contra jornalistas incide de formas distintas entre homens e mulheres.

Muitos autores já apontaram para as profundas relações entre política e mídia (ROSS, 2017, por exemplo), áreas nas quais a campanha pela igualdade baseada em gênero foi e continua a ser travada mais ativamente. Historicamente, como Ross (2017) defende, as redações jornalísticas foram estruturadas em torno da figura do homem. A posição hegemônica do masculino permaneceu estável até os dias atuais, demonstrando a manutenção de um ambiente altamente marcado pelo gênero no qual as mulheres eram submetidas a constância de comentários sexistas e assédio (NORTH, 2016).

A banalização, marginalização e mercantilização de perspectivas femininas na mídia, como Ross (2017) apontou, têm um profundo impacto nas perspectivas sociopolíticas de uma sociedade. Esses fenômenos, frequentemente correlacionados, negam a potência das mulheres como atores políticos credíveis. Ou seja, “as formas pelas quais as mulheres (particularmente, mas também outros grupos desfavorecidos) são representadas na mídia enviam mensagens importantes ao público sobre o lugar das mulheres, o papel da mulher e a vida da mulher” (ROSS, 2017, p. 3, tradução nossa).

O contexto de trabalho de Shireen está profundamente atravessado não apenas pelos constantes conflitos na região, mas também pela ocupação israelense (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020) e diversas restrições impostas ao jornalismo palestino (BISHARA, 2013), que complexificam as análises sobre seu assassinato. A Palestina, em decorrência de uma série de processos históricos⁶, pode ser compreendida como uma nação sob jugo colonial, em que o agente colonizador, Israel, estruturou um estado de exceção de base racial (PAPPE, 2016). Através da desumanização da população palestina, o Estado de Israel tem sistematicamente atuado para garantir homogeneidade étnica e a ocupação dos Territórios Palestinos Ocupados (TPO).

Atualmente, mesmo os palestinos que vivem em dentro das (autoafirmadas) fronteiras de Israel são tratados como cidadãos de segunda classe, implicando em uma sistemática política de exclusão social e perseguição. Dana (2021) argumenta que o

⁵Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/reports/detail/safety-guidelines-for-women-journalists-working-in-war-zones-english-and-arabic/category/gender-equality>>. Acesso em 02 de ago. de 2023.

⁶Para uma visão geral, ver Pappé (2016).

processo histórico de colonização israelense foi baseado em dois princípios: a dominação, centrada na violência física, e na pacificação, associada a processos de violência simbólica.

O jornalismo – enquanto prática e processo – está diretamente vinculado a esse cenário. A exemplo, ao longo da Segunda Intifada Palestina (2000-2003), as Forças de Defesa de Israel (FDI) retiraram os cartões de imprensa, que eram essenciais para o movimento das pessoas, negando não apenas acesso aos eventos in loco, mas também rejeitando seu status como profissionais (BISHARA, 2013). No período, a negação de novas solicitações de cartões de imprensa para palestinos foi baseada em insinuações de que esses jornalistas representavam ameaças à segurança de Israel. Nesse cenário, a repressão política está diretamente associada ao controle e à manipulação da informação (SIMON, 2014).

Tais imposições, ainda comuns atualmente (MADA, 2023), visam controlar a narrativa e impedir a divulgação de informações contrárias à perspectiva oficial israelense. Apenas em 2022, Israel cometeu 416 violações de liberdade de imprensa contra palestinos, em que 122 delas correspondiam a agressões físicas e 162 estavam associadas a proibições de cobertura ou miravam em jornalistas como ameaça (MADA, 2023). O disparo de munição real e bala de borracha usada pelas forças israelenses contra os jornalistas é extremamente perigoso, pois coloca a vida do jornalista em perigo direto. A porcentagem de lesões sofridas por jornalistas ao serem baleados com munição real, balas de metal revestidas de borracha ou alvos de granadas de efeito moral e gás lacrimogêneo durante a cobertura de campo está aumentando. O MADA documentou 63 violações como munição real, balas de borracha ou granadas de efeito moral e ferimentos com gás lacrimogêneo.

Høiby (2020) já argumentou que as mulheres jornalistas no campo enfrentam um fardo duplo porque são atacadas por (I) serem jornalistas e (II) por serem mulheres com participação ativa na sociedade. Essa violência, para a autora, decorre de três fatores, isto é, a violência e o ódio sistemático contra a imprensa, estruturas sociais patriarcais persistentes e que as condições permitem que o assédio prospere, como a impunidade. No cenário palestino, a responsabilidade pela aplicação da lei contra os cidadãos israelenses, tanto militares quanto civis, cabe a Israel, e não à Autoridade Palestina. Conforme dados levantados pela organização Yesh Din (2023), as estatísticas militares

israelenses – resultados das investigações da polícia militar de ofensas criminais nas quais soldados israelenses prejudicaram palestinos e suas propriedades – mostram que cerca de 95% desses arquivos de investigação foram encerrados, com ou sem acusações. Das 1.531 investigações concluídas, foram apresentadas denúncias em apenas 107 casos (7%) e apenas 3% dos arquivos de investigação levaram a uma condenação.

Ao restringir a presença de repórteres e equipes de mídia em tais eventos, as autoridades israelenses buscaram limitar a exposição da violência, abusos e violações dos direitos humanos cometidos durante os confrontos, associados com um profundo cenário de impunidade. Nesse sentido, o assassinato de Shireen Abu Akleh está associado a um longo histórico de violência como ferramenta de cerceamento da liberdade de expressão na região.

No contexto da violência contra mulheres jornalistas, as ameaças e a violência sexual têm se mostrado estratégias comuns para silenciar suas vozes e intimidar sua atuação profissional (POSETTI et. al, 2020). Essas formas de violência são aplicadas tanto no ambiente online quanto offline (7AMLEH, 2022), visando desencorajar as jornalistas a abordar determinados assuntos, expressarem opiniões divergentes ou exporem casos de corrupção, abuso de poder ou violações dos direitos humanos. Nesse sentido, estudos já apontaram que, apesar da ampla escolarização, mulheres palestinas ainda ocupam posições periféricas no mercado de trabalho, em decorrência não apenas do conservadorismo, mas também da constante sensação de medo presente nesses espaços (HAMMAMI et. al, 2009, por exemplo).

A pesquisa realizada pelo Ministério da Informação palestino, ainda em 2001 (apud SOMIRY-BATRAWI, 2004), evidencia esse cenário. Isto é, das cerca de 300 mulheres formadas em cursos superiores de comunicação anualmente, apenas 20% ingressam em carreiras profissionais. A pesquisa ainda demonstrou que entre essas profissionais quase a metade realiza trabalhos administrativos, sem qualquer atuação nas rotinas jornalísticas.

Portanto, em cenários de conflito, é notório o aprofundamento da censura e perseguição dirigidas aos comunicadores, o que repercute de maneira diferenciada entre jornalistas homens e mulheres. Essa disparidade de gênero é exacerbada pela banalização, marginalização e mercantilização das perspectivas femininas na mídia, que acarreta profundas implicações nas visões sociopolíticas, ganhando raízes nas próprias

estruturas das redações jornalísticas, marcadas de forma proeminente pelas dinâmicas de gênero. Na Palestina, essa problemática se entrelaça com a ocupação, associada à construção de categorias desumanizantes que, por sua vez, legitimam ações que flagrantemente violam os princípios fundamentais dos direitos humanos.

Esse contexto impõe um fardo adicional às mulheres jornalistas, que enfrentam ataques em função de sua identidade nacional, profissão e gênero. Esse cenário, por sua vez, é alimentado por uma tríade de fatores interconectados: a violência e o ódio sistêmico contra a imprensa, a persistência das estruturas sociais patriarcais e condições que propiciam a proliferação do assédio, muitas vezes incentivada pela impunidade (HØIBY, 2020). Mesmo com avanços na educação, as mulheres palestinas ainda se encontram à margem do mercado de trabalho, um cenário moldado não apenas pelo conservadorismo, mas também pela constante sensação de medo que permeia esses espaços.

Shireen Abu Akleh

Durante o primeiro semestre de 2022, dois incidentes chocantes de assassinato envolvendo jornalistas da Palestina, Shireen Abu Akleh e Ghufraan Warasneh, ocorreram nas mãos de atiradores de elite das Forças de Defesa de Israel (FDI). Esses atos brutais, distantes apenas por 20 dias, provocaram impactos significativos na liberdade de imprensa e evidenciaram a extensão da violência das forças israelenses contra jornalistas. Os assassinatos dessas jornalistas expuseram a falta de responsabilização das autoridades israelenses, apesar das condenações generalizadas (SPERI, 2023), e a obstrução de investigações internacionais sobre os casos (MCGREAL, 2022). Além disso, declarações oficiais israelenses hostis à liberdade de imprensa, como a proposta de retirada de credenciais dos jornalistas da Al-Jazeera (MIDDLE EAST MONITOR, 2022), revelaram a abordagem repressiva do Estado de ocupação.

Apesar disso, é essencial pontuar como apenas a morte de Shireen reverberou internacionalmente. Consideramos que isso decorre de seu posicionamento como jornalista de um veículo de imprensa internacionalmente reconhecido, Al-Jazeera, e sua dupla-nacionalidade – palestino-americana. Assim, sua morte e a violência que incidiu sob seu corpo, de forma mais geral, não são inéditos no panorama palestino, contudo, a

difusão internacional desse evento alcançou públicos atípicos⁷. Novamente, consideramos essencial adotar análise interseccional para compreender o assassinato de Abu Akleh no panorama palestino de violência.

As autoridades israelenses inicialmente alegaram que Abu Akleh foi morta por disparos palestinos, respaldando sua afirmação com um vídeo capturado por combatentes palestinos que mostrava o uso de armas dentro do campo (AL-JAZEERA, 2022a). No entanto, investigações independentes contestaram essa versão, utilizando análises das imagens do vídeo para determinar as posições geográficas de Abu Akleh e do combatente palestino armado retratado. A análise concluiu que o tiroteio não poderia ter sido a causa da morte de Abu Akleh, devido à distância entre os sujeitos e à infraestrutura que os separava.

Em julho de 2022, os EUA divulgaram um comunicado com base nas descobertas da investigação israelense, alegando que Abu Akleh foi provavelmente morta por tiros "não intencionais" de posições israelenses. No entanto, a origem da bala que a atingiu permaneceu "inconclusiva", gerando indignação por parte de sua família e daqueles que acompanhavam o caso (AL-JAZEERA, 2022b).

Altos funcionários do exército israelense destacaram ter encontrado o soldado e sugeriram que, se ele foi o autor do disparo, teria sido um erro. Eles expressaram orgulho na conduta dos soldados e afirmaram que agiram conforme os procedimentos estabelecidos. Contudo, várias investigações independentes, incluindo da ONU⁸ e de renomados meios de comunicação, como a CNN⁹ e a Associated Press¹⁰, concluíram que Shireen Abu Akleh foi definitivamente atingida por fogo israelense e que não havia combatentes palestinos presentes no local.

Em decorrência do montante de provas levantadas por diferentes autoridades internacionais, em setembro de 2022, Israel afirmou que havia uma "grande possibilidade" de que a jornalista da Al Jazeera, Shireen Abu Akleh, tenha sido

⁷ Desde o ano 2000, pelo menos 46 jornalistas palestinos foram mortos por forças israelenses na Cisjordânia ocupada e na Faixa de Gaza, conforme relatórios do Sindicato dos Jornalistas Palestinos (AL-JAZEERA, 2022a).

⁸ Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2022/06/1121252v>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

⁹ Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2022/05/24/middleeast/shireen-abu-akleh-jenin-killing-investigation-cmd-intl/index.html>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

¹⁰ Disponível em: <<https://apnews.com/article/politics-west-bank-middle-east-israel-8df6c999627efcef2fe0ca2b401e7a2c>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

"acidentalmente atingida" por fogo do exército israelense, mas decidiu não realizar uma investigação criminal (MCGREAL, 2022). A análise israelense alegou que seus soldados foram atacados por combatentes palestinos, embora não houvesse corroboração dessa afirmação ou provas de natureza material.

As Forças de Defesa de Israel emitiram um pedido de desculpas um ano após a morte da jornalista da Al Jazeera, Shireen Abu Akleh, durante uma entrevista com a CNN (MCSWEENEY, 2023). Este pedido de desculpas ocorreu após o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) divulgar um relatório ressaltando a falta de responsabilização dos militares israelenses pelas mortes de vários jornalistas ao longo das últimas duas décadas. Embora as IDF tenham admitido anteriormente a possibilidade de um disparo acidental, o Gabinete do Advogado-Geral Militar afirmou que não buscaria acusações criminais ou processos contra os soldados envolvidos no caso.

Shireen Abu Akleh foi um importante exemplo de empoderamento de mulheres de origem palestina internacionalmente (ABU-FADIL, 2004), servindo como fonte de inspiração para incontáveis pessoas. A morte de Shireen não apenas silencia sua voz, mas também serve como um lembrete assustador para outras mulheres jornalistas que se arriscam a denunciar violações dos direitos humanos. Além disso, o evento é um exemplo da falta de prestação de contas por parte das autoridades israelenses, uma vez que os responsáveis não foram, até o momento de escrita deste trabalho, sequer investigados e identificados. A impunidade, para além do medo decorrente, também auxilia na sensação de impotência dessas profissionais frente a violência, criando uma importante barreira à denúncia.

Ainda não está claro os efeitos do assassinato de Shireen na prática de mulheres jornalistas na região, apesar disso, podemos compreender que esta violência permite novas ondas de medo em relação à atuação profissional, bem como a denúncia de outras violências, colocando em risco sua segurança pessoal e profissional, bem como a segurança de suas famílias e comunidades. É essencial, assim, ressaltar que outras jornalistas palestinas também foram mortas ou agredidas pelas FDI, com repercussões muito mais restritas.

O posicionamento de Shireen como uma comunicadora de dupla nacionalidade – palestina e americana –, bem como sua posição de destaque na influente Al-Jazeera

foram centrais para o impacto internacional do caso. Assim, novamente, origem nacional e enquadramento profissional tomam posição central no caso. Consideramos, assim, que a execução de Shireen Abu Akleh está atravessada por contextos mais amplos de violência contra jornalistas, perseguição a palestinos e utilização do corpo feminino para disseminação do medo.

Considerações finais

O caso de Shireen Abu Akleh fornece um exemplo vívido das complexas dinâmicas de gênero e violência que permeiam os cenários de conflito, em consonância com o contexto sociopolítico. No cenário palestino, a ocupação e a construção de categorias desumanizantes têm desempenhado um papel fundamental na legitimação de ações que violam flagrantemente os princípios dos direitos humanos, como evidenciado nos assassinatos de jornalistas como Abu Akleh.

No entanto, a análise interseccional é crucial para compreender a violência enfrentada pelas mulheres jornalistas, que são alvos não apenas em função de sua profissão, mas também de sua identidade nacional e de gênero. Abu Akleh, como jornalista palestina-americana de destaque na Al-Jazeera, enfrentava ameaças decorrentes dessas múltiplas dimensões de sua identidade. Sua trágica morte ilustra como essa disparidade de gênero é exacerbada no ambiente de conflito, sobretudo quando associada à ocupação, criando uma realidade na qual identidade nacional, profissão e gênero se tornam marcadores interligados de vulnerabilidade.

A influência das estruturas patriarcais na Palestina, por um lado, e a tríade de fatores que compõem a violência sistêmica contra a imprensa, as estruturas sociais patriarcais e a impunidade, por outro, convergem para criar um ambiente hostil e opressivo para mulheres jornalistas. A presença de múltiplos marcadores de identidade – ser mulher, jornalista e palestina – cria uma interseção de opressões que intensifica a vulnerabilidade dessas profissionais.

Além disso, a falta de responsabilização das autoridades israelenses pelos assassinatos de jornalistas, incluindo Shireen Abu Akleh, ressalta como a impunidade reforça esse ciclo de violência. A combinação das dinâmicas de gênero, opressão política e as estruturas de poder no conflito resultam em um ambiente onde mulheres jornalistas são alvos tanto das forças de ocupação quanto das estruturas patriarcais internas.

Portanto, a análise interseccional do caso de Shireen Abu Akleh revela a profundidade das complexidades que as mulheres jornalistas enfrentam em cenários de conflito. Suas experiências são moldadas não apenas pela violência direta das forças de ocupação, mas também pela interação de múltiplos marcadores de identidade em um contexto de censura, perseguição, impunidade e opressão de gênero. As histórias individuais dessas jornalistas ecoam as preocupações mais amplas sobre a liberdade de imprensa e os direitos humanos em cenários de conflito. Partindo do estudo de caso do assassinato de Shireen Abu Akleh, esta pesquisa explora as violências enfrentadas pelas jornalistas palestinas e as interseções entre gênero, identidade e profissão para entender como diferentes marcadores de identidade se entrelaçam e moldam a violência experimentada.

Referências

- ABU-FADIL, Magda. Straddling cultures: Arab women journalists at home and abroad. **Women and Media in the Middle East**, London: IB Tauris, p. 180-201, 2004.
- BISHARA, Amahl A. **Back stories**: US news production and Palestinian politics. Stanford University Press, 2013.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. Isto não é censura—a construção de um conceito e de um objeto de estudo. **Intercom**, 2016.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, p. 1241, 1990.
- DANA, Tariq. Dominate and pacify: Contextualizing the political economy of the occupied Palestinian territories since 1967. *In*: **Political Economy of Palestine**. Palgrave Macmillan, Cham, 2021. p. 25-47.
- DY, Angela Martinez; MARLOW, Susan; MARTIN, Lee. A Web of opportunity or the same old story? Women digital entrepreneurs and intersectionality theory. **Human Relations**, v. 70, n. 3, p. 286-311, 2017.
- FRANCIS, Sahar. Gendered violence in Israeli detention. **Journal of Palestine Studies**, v. 46, n. 4, p. 46-61, 2017.
- HAMMAMI, R. et al. **Towards Gender Equality in Humanitarian Response**: Addressing the Needs of Women and Men in Gaza. New York: UNIFEM, 2009.
- HOLT, Maria. Palestinian women, violence, and the peace process. **Development in practice**, v. 13, n. 2-3, p. 223-238, 2003.
- HUMAN RIGHTS WATCH. **A Threshold Crossed**: Israeli Authorities and the Crimes of Apartheid and Persecution, report, abr. de 2021. Disponível em:

<https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2021/04/israel_palestine0421_web_0.pdf>.

Acesso em 15 de nov. de 2022.

HØIBY, Marte. The “triple effect” silencing female journalists online: A theoretical exploration. *In: Journalist Safety and Self-Censorship*. New York:: Routledge, 2020. p. 100-113.

ISRAEL says ‘high possibility’ its army killed Shireen Abu Akleh, **Al-Jazeera**, 5 de set. de 2022b. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/5/israel-probe-shireen-abu-akleh>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

ISRAEL’S shifting narratives on the killing of Shireen Abu Akleh, **Al-Jazeera**, 6 de set. de 2022a. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/6/israels-shifting-narratives-on-the-killing-of-shireen-abu-akleh>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

LARSEN, Anna Grøndahl; FADNES, Ingrid; KRØVEL, Roy. INTRODUCTION Safety for journalists and self-censorship. *In: LARSEN, Anna Grøndahl; FADNES, Ingrid; KRØVEL, Roy (Ed.). Journalist Safety and Self-Censorship*. Routledge, 2021.

LIEBERMAN calls for Al Jazeera licence to work in Israel to be cancelled, **Middle East Monitor**, 07 de dez. de 2022. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2022/nov/14/shireen-abu-akleh-killing-israel-fbi-investigation>

McGreal, Chris. Israel will not cooperate with FBI inquiry into killing of Palestinian American journalist, **The Guardian**, 15 de nov. de 2022. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2022/nov/14/shireen-abu-akleh-killing-israel-fbi-investigation>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

NASH, Jennifer C.; PINTO, Samantha (Ed.). **The Routledge companion to intersectionalities**. Taylor & Francis, 2023.

NASH, Jennifer C.; PINTO, Samantha. Introduction: Accompanying intersectionality. *In: The Routledge Companion to Intersectionalities*. Routledge, 2023. p. 1-10.

NASHASHIBI, Rana. Violence against Women: The Analogy of Occupation and Rape—The Case of the Palestinian People. **Gender in Conflicts: Palestine, Israel, Germany**, v. 3, p. 183, 2006.

NORTH, Louise. Damaging and daunting: Female journalists’ experiences of sexual harassment in the newsroom. **Feminist Media Studies**, v. 16, n. 3, p. 495-510, 2016.

PALESTINE CENTER FOR DEVELOPMENT AND MEDIA FREEDOMS (MADA). **Media freedoms violations in palestine: annual report of 2022**. Report, 2023. Disponível em: <<https://www.madacenter.org/en/article/1393/>>. Acesso em 22 de mai. de 2023.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

POSETTI, Julie et al. **Online violence against women journalists**. 2020.

RECORDINGS gathered by RSF show Israeli security forces still deliberately targeting reporters, **Repórteres Sem Fronteiras**, 03 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://rsf.org/en/recordings-gathered-rsf-show-israeli-security-forces-still-deliberately-targeting-reporters>>. Acesso em 20 de abr. de 2023.

RISSO, Carla de Araújo; RAMOS, Daniela Osvald. Yes, we have censura: censura clássica e novos tipos de censura no Brasil contemporâneo. **Anais Intercom**, 2022.

ROSS, Karen. **Gender, politics, news**: A game of three sides. John Wiley & Sons, 2017.

ROUGHT-BROOKS, Hannah; DUAIBIS, Salwa; HUSSEIN, Soraida. Palestinian women: Caught in the cross fire between occupation and patriarchy. **Feminist Formations**, p. 124-145, 2010.

SIMON, Joel. **The new censorship**: Inside the global battle for media freedom. Columbia University Press, 2014.

SOMIRY-BATRAWI, Benaz. Echoes: Gender and media challenges in Palestine. **Women and media in the Middle East**: Power through self-expression, p. 109-119, 2004.

SPERI, Alice. Shireen Abu Akleh's Colleagues Are Still Waiting For Justice, **The Intercept**, 09 de mai. de 2023. Disponível em <<https://theintercept.com/2023/05/09/shireen-abu-akleh-israel/>>. Acesso em 03 de ago. de 2023.

THE ARAB CENTER FOR SOCIAL MEDIA ADVANCEMENT (7AMLEH). Violating Network - **Gender-Based Violence against Palestinian Women in the Digital Space**, report, 2022b. Disponível em: <<https://7amleh.org/storage/Violating%20Network%202022.11.pdf>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

WADI, Shahd. Palestinian women's bodies as a battlefield. **Plots of War**: Modern Narratives of Conflict, v. 2, p. 114, 2012.

WOLFSFELD, Gadi. **Media and political conflict**: News from the Middle East. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

YESH DIN. Data Sheet, December 2022: **Law Enforcement on Israeli Civilians in the West Bank** (Settler violence) 2005-2022. Disponível em: <<https://www.yesh-din.org/en/data-sheet-december-2022-law-enforcement-on-israeli-civilians-in-the-west-bank-settler-violence-2005-2022/>>. Acesso em 02 de ago. de 2023.

ZINNGREBE, Kim Jezabel. Open Reflections on the Silence on Sexual Violence among Palestinian Feminists in Israel. **feminist review**, v. 112, n. 1, p. 85-91, 2016.